

a criança criminosa¹

jean genet

Para Évelyne

A Radiodifusão Francesa havia me oferecido espaço numa das suas emissões, chamada "Carta branca". Aceitei-o para falar da infância criminosa. Meu texto, a princípio aceito por Fernand Pouey, acabou por ser recusado. Em vez de orgulho, sinto certa vergonha. Agradara-me a ideia de fazer ouvir a voz do criminoso. Não sua queixa, mas seu canto glorioso. Um desejo vão de ser sincero acabou por impedi-lo, mas se trata de uma sinceridade que reside menos na exatidão dos fatos que na obediência aos acentos algo roucos que minha emoção e minha verdade me impõem, a emoção e a verdade dos meus amigos.

Os jornais se surpreenderam por um teatro estar à disposição de um ladrão... e de um homossexual. Não espanta que hoje eu não possa falar diante do microfone nacional. Repito que me envergonho. Antes tivesse permanecido na noite, mas à beira do dia, caminho de volta às trevas, das quais fiz tantos esforços para me arrancar.

Jean Genet (1910-1986), poeta, escritor, dramaturgo, ladrão e homossexual, escandalizou as autoridades e a moral francesa, sendo preso inúmeras vezes, desde meados dos anos 1930, até o fim da sua existência. Na ultrapassagem dos anos 1960, ao lado de alguns militantes e intelectuais, combateu renhidamente as prisões e a distinção, feita por parte da esquerda, entre presos "políticos" e "comuns".

O discurso que se segue foi escrito para ser ouvido. Não obstante, o público, ainda que sem esperanças de que o leiam aqueles a quem amo.

Na Rádio, cheguei a propor que meu discurso fosse precedido de um interrogatório — dirigido por mim — a um magistrado, ao diretor de um centro penitenciário, a um psiquiatra oficial. Todos se negaram a me responder.

J.G.

Que fique bem clara e que seja perdoada minha emoção quando tenho que expor uma aventura que foi também a minha. Ao mistério fabulado por vocês devo opor — e desvelar — o mistério das prisões para crianças. Espalhados pelos campos franceses, frequentemente em regiões elegantes, há alguns lugares que não deixam de me fascinar. São as casas de correção cujos nomes oficiais tornaram-se demasiado polidos: Patronato de Reabilitação Moral, Centro de Reeducação, Casa de Recuperação da Infância Delinvente, etc. A mudança de nome já é um sinal. As expressões Casa de Correção e, às vezes, Penitenciária, convertidas numa espécie de nome próprio ou, de modo mais exato, designando um lugar ideal e cruel situado muito profundamente no coração da criança, tinham uma violência que os educadores vêm tentando amainar. Não obstante, e apesar destes tempos reveladores de uma higiene bastante tola, os meninos secretamente reconhecem, assim o espero, o chamado da Penitenciária ou da Prisão. Com a diferença de que, agora, elas se situam mais numa região moral que num ponto preciso do espaço. Era estú-

pido atacar o nome acreditando que assim se modificaria a ideia da coisa nomeada. Pois, me atrevo a dizê-lo, esta coisa está viva, porque se constrói pelo movimento solitário, pelo vai e vem único do elemento mais criador: a criança delinquente. Ou criminosa. Quero dizer ainda que este lugar do mundo que leva um dos nomes citados acima tem seu reflexo, melhor, sua imagem, sua morada na alma destas crianças. Voltarei a esta ideia em seguida.

Saint-Maurice, Saint Hilaire, Belle-Isle, Eysse, Aniane, Montesson, Mettray... Eis alguns dos nomes que talvez não signifiquem nada para vocês. Na mente de cada menino que acaba de cometer um delito ou um crime, eles são a projeção, por um tempo definitivo, de seu próprio destino.

“Estou condenado até os 21”, dizem.

Eles cometem um erro (voluntariamente), porque o veredito do tribunal que os julga é o seguinte: “Absolvido por ter agido sem discernimento, e confiado até a maioridade ao patronato de reabilitação...”. Mas o jovem criminoso rechaça a compreensão indulgente e a solicitude de uma sociedade contra a qual acaba de sublevar-se ao cometer o primeiro delito. Por ter adquirido, aos 15 ou 16 anos — e mesmo mais cedo — uma maioridade que os homens de bem não atingirão aos 60, ele despreza sua bondade. Exige que seu castigo seja levado a cabo sem doçura. Desde o começo, exige que os termos que o definem sejam o signo de uma crueldade superior. Não pode deixar de se envergonhar ao ter que admitir que *o absolveram* ou que *o condenaram* a uma pena leve.² Ele deseja o rigor. O exige. Alimenta em si mesmo o sonho no qual a pena toma a forma de um inferno terrível e que o estabelecimento correcional será um lugar do mundo do qual não se regressa nunca. Efetivamente, não se regressava.

Ao sair dali, já não se é mais o mesmo. É uma fogueira que se atravessou. E os nomes que citei há pouco não são qualquer coisa: estão carregados de um sentido, de um peso atemorizador que os meninos excedem ainda mais. Ora, estes nomes serão a prova de sua violência, sua força e sua virilidade. Porque isso é exatamente o que esses meninos querem conquistar. Exigem que a prova seja terrível. Talvez para extenuar uma necessidade impaciente de heroísmo.

Mettray, em minha juventude, era um dos nomes mais prestigiosos: sob o mandato de um generoso imbecil, Mettray desapareceu. Creio que hoje é uma colônia agrícola. Em outros tempos, era um lugar severo. Tão logo se chegava a essa fortaleza de arbustos e flores — porque Mettray não era cercada por muralhas —, o jovem fora da lei, que levava desde este instante o nome de colono, era objeto de mil cuidados destinados a provar seu êxito criminal. Trancavam-no numa cela inteiramente pintada (inclusive o teto) de preto. Em seguida, vestiam-no com um traje famoso na região, porque evocava o espanto e a ignomínia. No decurso de sua estadia, o colono descobria outras provas: os motins, às vezes mortais, em que os *bicudos*³ não interferiam, a maca dos dormitórios, o silêncio durante os trabalhos e a comida, as orações ridiculamente pronunciadas, os castigos do quartel, os pés esfolados pelos tamancos, a ronda vagarosa a pé, debaixo do sol, a tigela de água gelada, etc. Conhecíamos tudo isso em Mettray, ao que correspondiam e ecoavam o suplício do poço em Belle-Isle, a fossa, a tumba, a tigela vazia, o quartel, o jogo dos penicos e a sala de disciplina das outras colônias.

Os colégios, as escolas e os liceus têm sua disciplina, que pode parecer igualmente severa e impiedosa aos seres de natureza sensível. A isso respondemos que o colégio

não foi feito *pelas* crianças: foi feito *para* elas. Quanto às penitenciárias, elas são a projeção absoluta, no plano físico, do desejo de severidade escondido no coração dos jovens criminosos. Não atribuo as crueldades que enumero aos diretores e carcereiros de outrora: eles eram tão somente testemunhas atentas e ferozes, mas também conscientes de seu papel de adversários. Estas crueldades nasciam e se desenvolviam necessariamente no ardor dos meninos pelo mal.

(O mal: nós ouvimos bem o chamado dessa vontade, dessa audácia para seguir um destino contrário a todas as regras). O menino criminoso é aquele que forçou a porta que dá a um lugar proibido. Quer que atrás dessa porta se abra diante dele a mais bela paisagem do mundo: exige que a prisão que mereceu lhe seja feroz. Quer dizer, digna do *esforço diabólico* que custou conquistá-la.⁴

Faz alguns anos que os homens de boa vontade pretendem injetar doçura em tudo isso. Esperam — e às vezes conseguem — ganhar almas para sociedade. Conduzem-nas, dizem, a encontrar o bom caminho. Felizmente, as reformas são superficiais. Não alteram mais que a forma.

O que fizeram então? Ao carcereiro eles deram um outro nome: vigilante. Também o vestiram com um uniforme menos parecido com o dos bicudos das prisões. Foram obrigados a usar menos violência física e menos insultos, estão proibidos de bater. No interior desse Patronato, suavizaram a disciplina. Inclusive outorgaram àqueles que eles chamam agora de reeducandos a possibilidade de escolher um ofício. Concederam mais liberdade no trabalho e no jogo. Os meninos podem falar entre eles, abordar os vigilantes e o diretor! Estimula-se o esporte. Os

times de futebol de Saint-Hilaire jogam com aqueles dos povoados vizinhos e, às vezes, os jogadores se deslocam sozinhos de uma cidade a outra. No Patronato, tolera-se a imprensa. Obviamente, uma imprensa escolhida, depurada. A comida melhorou. No domingo pela manhã, servem chocolate. E, finalmente, a medida que deveria culminar na eficácia das reformas: a gíria foi proibida. Resumindo, oferecem aos jovens criminosos uma vida avizinhada à vida mais banal. E chamam-na reabilitação⁵.

A sociedade pretende eliminar ou tornar inofensivos os elementos que tendem a corrompê-la. Parece que se pretende diminuir a distância moral entre a falta e o castigo, ou melhor, o caminho que vai da falta à ideia de castigo. Um tal projeto de castração é evidente. Não me comove em nada. Com efeito, se os colonos de Saint-Hilaire ou de Belle-Isle levam uma vida em aparência similar à de um colégio de aprendizes, não podem deixar de lembrar o que os reuniu aí, neste lugar em particular, e que é o mal. Por ser mantida em segredo, não proferida, esta razão inspira cada uma das intenções de cada um dos meninos.

À gíria habitual que lhes foi proibida, os colonos sobrepueram outra, mais sutil ainda e que, por um mecanismo que não posso explicar diante deste microfone, se aproxima da gíria de Mettray. Em Saint-Hilaire, um deles, com o qual me familiarizei, disse-me um dia:

— Quando falei que um companheiro deu uma bichada⁶, quis dizer que ele escapou. Não diga isso ao diretor!

Ele deixou escapar uma palavra. É a mesma que nós empregávamos em Mettray para falar do menino que se

evade, que escapa, a quem os aldeões perseguirão pelos bosques como a um veado.⁷ Eu estava no fluxo de uma linguagem secreta, mais astuta que aquela que se queria abolir, e me pergunto se ela não servia para expressar sentimentos muito precavidamente escondidos. Os educadores têm a candidez e a boa vontade de uma salvadora de almas. Um dia, o diretor de um dos Patronatos me mostrou, em seu escritório, uma panóplia da qual parecia orgulhoso: umas vinte facas confiscadas dos meninos. E me disse:

— Senhor Genet, a Administração me obriga a tomar-lhes estas faquinhas. E obedeço. Mas, olhe de perto. Diga-me se parecem perigosas. São de lata! De lata! Com isso não se pode matar ninguém.

Ignorava que um objeto distanciado de sua finalidade prática se transforma, converte-se em um símbolo? Por vezes, a própria forma muda: diz-se que ela foi estilizada. É aí que acontecem, surdamente, as mais terríveis devastações na alma dos meninos. Cravada num colchão de palha à noite ou escondida no forro de uma jaqueta, muitas vezes numa calça — não por ser mais confortável, mas para se emparelhar ao órgão do qual é o símbolo profundo —, ela é o signo mesmo do assassinato que o menino não cometerá efetivamente, mas que povoará seus sonhos e os dirigirá, assim espero, para as mais criminosas manifestações. A que serve então seu confisco? O menino elegerá outro objeto como signo do assassinato, cuja aparência será mais inofensiva, e se ainda assim o tomarem, ele guardará cuidadosamente em si mesmo a imagem muito precisa da arma.

O mesmo diretor me mostrou a tropa de escoteiros que havia formado como recompensa aos meninos mais

dóceis. Na ocasião, vi uma dúzia de meninos mais novos, fingidos e feios, que se deixaram capturar na armadilha das boas intenções. Entoavam ridículas cantigas de acampamento que em nada lembravam a potência de evocação das canções sentimentais ou obscenas cantadas à noite nos dormitórios e nas celas. Olhando para estes doze moleques, ficava claro que nenhum deles havia sido escolhido ou eleito para compartilhar qualquer expedição audaciosa, por mais imaginária que fosse. Mas no interior da Penitenciária, a despeito dos educadores, sei bem que existiam grupos, por vezes bandos, cujo vínculo, a liga que os aglutinava, era a amizade, a audácia, a astúcia, a insolência, o gosto pela preguiça, um ar sombrio e cheio de si, esse gosto da aventura contra as regras do Bem.

Peço perdão por empregar uma linguagem aparentemente tão imprecisa como a minha, quando consideram que busco definir uma atitude moral e justificá-la. Admito que pretendo, sobretudo, interpretá-la, e que o faço contra vocês. Mas, afinal, não foram vocês mesmos os primeiros a falar da “Potência das Trevas”, do “Obscuro poder do Mal”? Vocês não temem a metáfora quando ela é convincente. Ora, eu faço dela um emprego mais eficaz para falar desta parte noturna do homem que não se pode explorar, com a qual só nos implicamos na medida em que nos armamos, nos revestimos, nos embalsamamos, nos cobrimos de todos os ornamentos da linguagem. Mas, sobretudo quando se pretende alcançar o Bem — notem que distingo o Bem e o Mal ligeiramente, mas estas são categorias que, de fato, mesmo vocês só podem distinguir a reboque; de qualquer maneira, é ainda a vocês que me dirijo, por isso mantenho a cortesia —, se se pretende alcançar o Bem, eu dizia, sabe-se onde busca-lo e o que ele

é, e que a sanção será benéfica. Quando se trata do Mal, não se sabe bem do que⁸ se fala. Mas eu sei que Ele é o único a poder suscitar o entusiasmo verbal sob minha pluma, sinal daquilo a que meu coração adere.

Com efeito, não conheço outro critério para a beleza de um ato, de um objeto ou de um ser além do canto que ele suscita em mim, e que traduzo em palavras a fim de comunica-lo a vocês: é o lirismo. Se meu canto fosse bonito, se ele desconcertasse, quem ousaria dizer que aquilo que ele inspira é vil? Poderiam rebater que desde sempre existem palavras encarregadas de exprimir as mais elevadas atitudes, e que recorro a elas a fim de que a mais insignificante pareça nobre. Posso responder que minha emoção evoca justamente estas palavras e que elas vêm servi-la naturalmente. Chamem de inconsciência, na medida de vossa mesquinhez, o movimento que arrasta a criança de 15 anos ao delito ou ao crime; de minha parte, batizo-o com outro nome. Pois é preciso ter uma bela disposição e muita ousadia para se opor a uma sociedade tão forte, às instituições mais severas, às leis protegidas por uma polícia cuja força está de tal maneira inscrita sob um temor fabuloso, mitológico, que ela se instala tanto na alma das crianças como em sua organização.

O que lhes conduz ao crime é o sentimento romanesco, quer dizer, a projeção de si na mais magnífica, mais audaciosa, enfim, na mais perigosa das vidas. Eu tão somente o traduzo, pois eles têm o direito de utilizar uma linguagem que lhes ajuda a se aventurar... Onde pensam que seja? Eu não sei. E eles muito menos, ainda que presumam a precisão de suas fantasias. Em todo caso, fora do vosso alcance. E eu me pergunto se vocês não os perseguem também por

despeito, uma vez que eles desprezam e abandonam tudo que de vossa parte provenha.

Não aconselho nada a vocês. Desde que comecei a falar, não é aos educadores que me dirijo, mas aos culpáveis. Não pretendo inventar nenhum novo dispositivo a favor da sociedade, sequer visar sua proteção. Eu confio nela: saberá bem, por conta própria, resguardar-se do perigo que constituem as crianças criminosas. É a elas que eu falo. Peço-lhes que jamais se envergonhem do que fizeram, que conservem intacta, em si mesmas, a revolta que as faz tão belas⁹. Espero que não haja remédio contra o heroísmo. Mas, se entre a brava gente que me escuta houver quem ainda não girou o botão do rádio, tomai cuidado: saibam que só podem fazê-lo a custo de assumirem até o fim a vergonha e a infâmia de serem belas almas. Que confessem até o fim sua imundície. Sejam cruéis, a ponto de uma vez mais aguçar a crueldade da qual resplandecerão estas crianças.

Toda pessoa que, por doçura ou privilégios, pretenda atenuar ou abolir a revolta, destrói para si mesma todas as chances de escapar. E ninguém pode perdoar o crime se, de antemão, ele não for culpável e condenável.

Este tipo de aforismo parece surgir suscitado pelo lirismo do qual acabo de falar. Assim o concedo. Para enunciá-lo, apoio-me numa única autoridade: a dor que eu experimentaria se vos propusesse o contrário. Mas e quanto a vocês, sobre o que repousam vossas regras morais? Suportem então que um poeta, que é também um inimigo, vos fale como poeta e inimigo.

O único meio de que a gente honesta e as grandes pessoas dispõem para salvaguardar alguma beleza moral é

recusar toda piedade por esses moleques que não a querem. Pois não creiam, Senhores, Senhoras, Senhoritas, que basta inclinar-se com solicitude e indulgência, ou com um interesse compreensivo para a infância criminosa¹⁰ para ter direito a sua afeição e gratidão: seria preciso tornar-se esta infância¹¹, seria preciso tornar-se do crime, você também, e santificá-lo através de uma vida magnífica, quer dizer, pela audácia de romper com a onipotência do mundo. Porque nos dividimos — desde que o quisemos, desde que ousamos esta ruptura — entre não culpados (eu não digo inocentes), entre os não culpados, que são vocês, e os culpados, que somos nós; saibam que é toda uma vida que vocês arremessam a este lado da barreira através da qual creem poder, sem risco e para seu próprio conforto moral, estender-nos a mão em socorro. Quanto a mim, já escolhi: estarei do lado do crime, e ajudarei os meninos, não a retornarem a vossas casas, vossas fábricas, vossas escolas, vossas leis e vossos sacramentos, mas a violá-los. Danem-se! Temo não mais possuir essa virtude, pois não é apenas por um erro dos organizadores desta conversa que me foi tão facilmente concedido falar à Rádio.

Os jornais ainda mostram fotografias de cadáveres transbordando dos porões ou forrando os vales, embrenhados em cercas de roseiras, nos fornos crematórios; eles mostram unhas arrancadas, peles tatuadas, curtidas para a confecção de luminárias: são os crimes hitlerianos. Mas ninguém se dá conta de que, desde sempre, nas prisões da França, torturadores martirizam crianças e homens. Pouco importa saber se uns são inocentes e os outros culpados — ao olhar de uma justiça demasiado humana ou tão somente humana. Aos olhos dos alemães, os franceses eram culpados. Fomos tão maltratados na prisão, com

tanta covardia, que chego a invejá-los em suas torturas. Pois são semelhantes ou mesmo melhores que as nossas. Sob a ação do calor esta planta se desenvolveu. Uma vez que ela foi semeada pelos burgueses que constroem prisões de pedra, com seus guardiões de carne e de espírito, eu me regozijo de ver, enfim, o semeador devorado. As pessoas de bem aplaudiam a esses que hoje são um nome dourado sobre o mármore, enquanto nós passávamos com as mãos algemadas por um tira que nos golpeava pelas costas. O mais simples estalar de dedos destes policiais foi irrigado pelo sangue fervilhante dos heróis do Norte, esparramado até fazer brotar uma planta maravilhosa em beleza, tato e ímpeto, uma rosa cujas pétalas sinuosas, retorcidas, mostram o vermelho e o rosa que, sob um sol de inferno, recebem nomes terríveis: Maidenek, Belsen, Ausswitz, Mathausen¹², Dora. Eu tiro meu chapéu.

Mas nos restará vosso remorso. E sem nenhuma outra razão além de embelezar nossa aventura, porque sabemos que sua beleza depende da distância que nos separa de vocês. Pois ainda que estejamos sobre a mesma orla, eu sei bem que em suas praias seguras nós sempre os distinguiremos, pequenos, franzinos, raivosos; nós intuímos vossa impotência e boa vontade. Em todo caso, regozijai-vos! Se os malvados e cruéis representam a força contra a qual vocês lutam, nós queremos ser esta força do mal. Nós seremos a matéria que resiste e sem a qual não haveria artistas.

Ladainha romântica, dirão.

Ora, eu sei que a moral em nome da qual vocês perseguem as crianças não lhes serve a si mesmos. Não a reprovo. Seu mérito consiste em professar princípios que

A criança criminosa

supõem comandar vossas vidas. Mas vocês dispõem de pouca força para se conduzirem, seja completamente à virtude, seja completamente à maldade. Vocês pregam uma e condenam a outra, aproveitando-se, contudo, de ambas. Eu reconheço vosso senso prático. Ah, não posso cantá-lo. Acusam-me de lirismo! Mas, se ocorrer que um de vossos juízes, um secretário de tribunal ou um diretor de prisão faça eclodir e ressoar dos meus pulmões qualquer canto, senhores, serei o primeiro a avisá-los.

Vossa literatura, vossas belas-artes, vossos divertimentos digestivos, todos eles celebram o crime. O talento de vossos poetas glorificou o criminoso que na vida vocês odeiam. Saibam que, de nossa parte, desprezamos vossos poetas e vossos artistas. Podemos dizer hoje que, ao ator de teatro, é preciso dispor de muita presunção para que ouse encenar um assassinato quando, a cada dia, crianças e homens convivem, por seu crime, ora com o flerte da morte sempre à espreita, ora com o peso de vosso desprezo ou do vosso benevolente perdão. Cada criminoso deve corresponder a seu próprio ato. É mesmo necessário que dele extraia os próprios recursos de sua vida moral, que ele a faça orbitar em torno de si, que obtenha dela aquilo que a vossa o recusa. Por si — e por si só, por um tempo muito curto, pois vocês dispõem do poder de lhe arrancar a cabeça — ele se torna um herói tão belo quanto aqueles que vos comovem em vossos livros. Se sobrevive, para continuar vivendo precisará ter consigo mais talento que o mais raro poeta.

Entretanto, os heróis de vossos livros, de vossas tragédias, de vossos poemas, de vossos quadros são decalques, eles continuam sendo o ornamento de vossas vidas enquanto vocês rejeitam seus infelizes inspiradores. Mas

fazem bem: de sua parte, eles também recusam vossa mão estendida.

Aqueles que me escutam, se viram o filme *Sciuccia*¹³, se emocionaram com o delicado jogo de sentimentos das crianças, ligadas umas às outras pelo amor mais sutil. Por certo, admiraram a aventura que não ousariam viver, mas ninguém imagina que estes heróis encantadores existem no cotidiano. Que eles roubam cheques verdadeiros de pais verdadeiros. Sem dúvida, aquilo a que chamamos de talento dos atores nos permitiu aquelas imagens tão belas; contudo, aqueles que lhes serviram de modelos mais ou menos exatos sofreram realmente, sangraram, choraram (ainda que mais raramente) e a glória do mundo lhes foi recusada. É que vocês suportam o heroísmo quando ele é domesticado (diga-se de passagem que vossos galãs, vossos artistas o domesticam por vocês, e mesmo eles o abordam a distância). Vocês ignoram o heroísmo em sua verdadeira natureza carnal, em sua presença sobre o mesmo plano cotidiano de vossas vidas. A verdadeira grandeza esbarra em vocês nas ruas. Vocês a ignoram e ela prefere seu fingimento.

Ora, se as crianças têm a audácia de vos dizer não, castiguem-nas. Sejam duros para que elas não vos enganem. Mas há tempos são vocês que trapaceiam. Em vossos Tribunais, vossas Audiências, vocês já nem respeitam a liturgia do ritual — não tanto por terem-na substituído por uma crueldade mais íntima, uma crueldade engravatada, se me permitem — sem sequer disfarçar o completo desleixo com que se apresentam, vindo à sala de audiências sob uma toga remendada cujo forro de viscoso ou lustrina nem chega a imitar seda. É assim que aplicam todas as regras do vosso código, a começar pelas mais formalistas. A

A criança criminosa

criança criminosa não acredita mais em vossa dignidade, pois já se deu conta de que isso não passa de uma costura podre, uma beca frouxa, um paletó roto. A usura, a poeira e a pobreza de vossas sessões a desconsolam. Ela está prestes a oferecer-lhes um pouco da majestade que sabe obter de uma sessão mais solene, à qual comparece em segredo, enquanto vossos olhos se distraem com o simulacro infantil que merecem.

Não faço com isso a mínima piada. Em todo caso, meu humor vos parece pesado. Vocês estão convencidos de que salvarão estas crianças. Felizmente, à beleza dos bandidos adultos e orgulhosos assassinos que elas admiram, vocês não podem opor mais que vigilantes ridículos, embutidos em seus patéticos uniformes mal cortados e mal vestidos. Nenhum dos vossos funcionários poderá conquistar estas crianças ou fazer com que elas triunfem na aventura que elas mesmas começaram. O ato criminoso tem mais importância que qualquer outro, pois é aquele pelo qual alguém se opõe à enorme força física e moral da lei. Porque nada poderá ultrapassar a sedução exercida por aqueles que estão fora dela.

Vocês também acreditam na beleza de Vacher, de Weidmann ou de Ange Soleil.¹⁴ Eu protesto contra a afirmação de que “havia neles possibilidades maravilhosas que poderiam ter sido aproveitadas...”. Aí está a linguagem da Sociedade, que somente vocês poderiam utilizar. É óbvio que vocês estariam em apuros se eu os interrogasse com franqueza. Pois eles extrairiam de si mesmos e por si sós as mais maravilhosas possibilidades.

Em todo caso, se não conquistarem estas crianças com vossa doçura, poderão sempre curá-las, já que dispõem de

psiquiatras. Quanto a estes últimos, bastaria colocar algumas perguntas simples, cem vezes repetidas: se sua função consiste em modificar o comportamento moral destas crianças, é para conduzi-las a que moral? Trata-se daquela ensinada nos livros didáticos? É claro que o homem da ciência não ousaria levá-las a sério. Trata-se de uma moral particular que cada médico elabora para seu próprio uso? De onde eles tiram esta autoridade? De nada servem estas perguntas, eles se esquivarão. Eu sei que se trata da moral corrente, e que o psiquiatra se safa dando a estas crianças o belo nome de inadaptados. Que posso responder? Às vossas artimanhas, sempre oporei minha astúcia.

Já que hoje foi permitido a um poeta que foi um deles falar neste microfone — por um erro que ignoro —, quero ainda reforçar minha ternura por esses molequinhos sem piedade. Eu não tenho mais ilusões. Sei que falo no escuro e no vazio. Entretanto, ainda que solitariamente, quero outra vez insultar aos que insultam.

Tradução do francês por Eder Amaral.

Notas

¹ Tradução a partir da edição francesa: Jean Genet. *L'enfant criminel*. Collection L'Arbalète. Paris, Gallimard, 2014. Algumas notas foram adaptadas a partir da edição espanhola (Tradução e prólogo de Irene Antón. Madri, Errata Naturae, 2009), casos sinalizados pela divisa “Nota da tradutora espanhola [N.T.E.]”. Notas do editor francês (Thomas Simonnet) são indicadas sob a rubrica “[N.E.F.]” e apresentam variantes de algumas frases, assim como pequenas correções ortográficas em relação às edições anteriores [N.T.].

A criança criminosa

² No original, “C’est avec une sorte de honte que l’enfant avoue qu’on vient de l’acquitter ou qu’on le condamne à une peine légère”. Com o grifo do pronome em itálico, Genet parece aludir à lamentação da criança criminosa por ser conduzida a uma pena mais leve, por não ter “merecido” um tratamento mais severo [N.T.].

³ No original, “gâfe”, substantivo derivado do verbo *gaffer*, (“vigiar com atenção”, “observar atentamente”), gíria com a qual se designava na França os funcionários das casas de correção equivalentes aos carcereiros [N.T.E.]. Optamos por *bicudo*, em referência ao vocabulário prisional comum nas unidades da extinta FEBEM — Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (atualmente Fundação CASA, São Paulo) ao qual corresponde em contexto.

⁴ A expressão exata utilizada por Genet é “Digne enfin *du mal* qu’il s’est donné pour le conquérir”. O autor joga aqui com o duplo sentido da palavra “mal” em francês, que nesta expressão significa genericamente “trabalho, esforço”. Entretanto, Genet quer também aludir ao sentido de “mal”, o Mal que a criança concede a si mesma, o Mal que elegera para si [N.T.E.]. Não se encontra em português um equivalente que transmita com exatidão essa ambiguidade [N.T.].

⁵ No original, *régénérescence*.

⁶ Genet utiliza aqui a forma verbal *se bicher*, pertencente à gíria comum no centro penitenciário em que esteve internado e que significava “fugir, escapar”. Este verbo é formado a partir da palavra francesa *biche*: corça, matiz importante para o parágrafo que vem em seguida [N.T.E.]. Por não haver equivalente exato em português e devido ao contexto, optamos pela expressão “dar uma espantada”, referindo-se à fuga repentina de um animal [N.T.].

⁷ “a quem os aldeões enrabarão pelos bosques como a um veado” [N.E.F.].

⁸ “de quem” [N.E.F.].

⁹ “que lhes tem feito tão belas” [N.E.F.].

¹⁰ “criança criminosa” [N.E.F.].

¹¹ “criança” [N.E.F.].

¹² “Auschwitz, Mauthausen” [N.E.F.].

¹³ *Sciuscià* [N.E.F.].

¹⁴ Nomes de assassinos famosos na época de Genet [N.T.E.].

Resumo

Entre 1947 e 1948, a convite de Fernand Pouey (apresentador do programa Carte Blanche /“Carta Branca”, da Rádio Nacional Francesa), Jean Genet prepara “A criança criminosa” para ser lido por ele como parte deste programa de rádio. A leitura do texto de Genet seria precedida por uma entrevista, conduzida por ele, com autoridades da justiça, da prisão e da psiquiatria, interpeladas sobre o que sentem ao condenar, ao punir, ao interditar alguém. Nem a entrevista, nem a gravação do opúsculo chegam a acontecer, pois a direção da Rádio antecipa a Genet a censura que também soubera aplicar a Antonin Artaud, pouco antes, por ter gravado um programa “Para acabar com o juízo de Deus” (1948). Em 1949, Genet publica “A criança criminosa” como um livreto que não deixou de escandalizar e que, ainda hoje, desconcerta, mesmo com os quase setenta anos que nos distanciam – e nos ligam – à sua inquietante aparição.

Palavras-chave: criança, crime, castigo.

Abstract

Between 1947 and 1948, invited by Fernand Pouey (anchorman of the radio show Carte Blanche at the French National Radio), Jean Genet prepared “The criminal child” to be read at the radio show. The reading would be preceded by Genet’s interview to members from the Justice Department, the prison system and the psychiatry services. Genet planned to inquire those authorities about their feelings when condemning, punishing or interdicting someone. Nevertheless, nor the interviews or the text were presented due to previous censorship by the Radio Direction. The same Radio had previously prohibited the broadcasting of Antonin Artaud’s “To have done with the judgement of God” (1948). In 1949, Genet published the text in a booklet that scandalized its readers and that still provokes unrest despite the almost seventy years that separate us from its disquieting appearance.

Keywords: child, crime, punishment.

The criminal child, Jean Genet.

Recebido em 10 de fevereiro de 2016. Confirmado para publicação em 15 de abril de 2016.